

A letra A: quando o horror ao feminino se inscreve

Denise F. Casara¹
Flávia Bernardi²

1 INSCREVENDO O TEMA

A cultura não pergunta a cada um de nós o que queremos; cabe a cada sujeito se encontrar com seu próprio desejo e dar conta dele. Freud (1927), no texto *O futuro de uma ilusão*, entende que o indivíduo é inimigo da cultura, porque ele tenderia a fazer valer seus desejos, o que não seria sustentável para a convivência em grupo.

[...] ela [a cultura] abrange todo o saber e a capacidade que os seres humanos adquiriram para dominar as forças da natureza e extrair desta seus bens para a satisfação das necessidades humanas; e no outro, todos os dispositivos necessários para regular as relações dos seres humanos entre si, e especialmente a distribuição dos bens acessíveis. [...] cada indivíduo é virtualmente um inimigo da cultura, que supostamente deve ser um interesse humano geral (FREUD, 1927, p. 234).

Então, além de nos tornarmos sujeitos de nossa própria história, cabe-nos questionar o que a cultura vai instituindo como norma. Quando homens e mulheres passam a se perguntar o que querem, podem encontrar outros lugares no mundo. O tema deste livro confirma o que pensamos: é necessário que isso se faça em grupo para ter força diante de uma sociedade ainda machista. Queremos deixar claro que o machismo não é entendido aqui como algo especificamente do homem, mas como uma forma de pensar que atribui aos homens uma posição superior: há homens e mulheres machistas; há homens e mulheres não machistas. Ambos os sexos podem ser sensíveis.

Não falaremos aqui de um lugar sexista, mas de um lugar do desejo de cada um. Pensar de forma machista (o que talvez todos nós façamos em diferentes proporções) é funcionar narcisicamente e também deixar o superego impor-se, ignorando outras considerações. Procurar dar-se conta do lugar da mulher na cultura é abrir espaço para as angústias de castração, por isso essa tarefa é tão difícil, por isso o horror ao feminino permanece: a cultura, imbuída de ideais, de preceitos superegoicos, tenderia a manter vigentes as posições de poder e submissão. Assim, manter-se-ia o *status quo*: homens com força física saem para caçar e

¹ Psicóloga e psicanalista com formação no Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e Adolescência (Ceapia). Membro pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre Serra (CEPdePA/Serra).

² Psicóloga e psicanalista. Membro pleno do CEPdePA/Serra.

mulheres com colo para dar aos filhos ficam em casa, sendo que a nenhum deles foi questionado se desejava ocupar esses lugares. Aqui tratamos de pensar o feminino porque ele representa (embora não o seja unicamente) o passivo, o frágil, a castração.

Neste capítulo, para questionar e refletir sobre a cultura vigente, utilizaremos a concepção do feminismo enquanto filosofia que pretende pensar a equidade entre os gêneros. Entendemos ser fundamental fazer essa diferenciação desde as primeiras linhas para que nossa escrita, nossas interrogações e nossas divagações não se confundam com o sexismo ou o radicalismo, o quê, na nossa opinião, torna alguns segmentos do feminismo tão radicais quanto o machismo, conduzindo a discussão pela linha do totalitarismo (considerado a forma mais extrema e completa de autoritarismo). Hannah Arendt³ (1989) dizia que o totalitarismo era a elevação de dois fenômenos, o medo e o terror, e que uma das suas marcas era a anulação da individualidade. Entendemos que a psicanálise defende, acima de tudo, a capacidade que cada um tem, a seu modo, de exercer a própria individualidade: um estado de autonomia que deve ter início na infância, período no qual a pessoa deixa de depender de seus pais.

É fundamental deixar os objetos primordiais para trás a fim de que o Eu se configure como instância mais autônoma e capaz de lidar com a vida, de modo que possa enxergar novos objetos, inclusive as diferenças entre eles. Acreditamos (e ressaltamos) que a teoria e a clínica psicanalítica nunca podem ser pensadas sem que se leve em conta certa perspectiva de emancipação e singularidade — o que não inclui direta, única e especificamente a condição feminina —, porém, nestas páginas, é sobre o feminismo⁴ que vamos falar.

Pensaremos o feminismo como uma “ideologia de base a respeito do ser feminino”, que é justamente a proposta de um espaço no social para o feminino, considerando suas particularidades e perspectivas de dialogar com o mundo em defesa da singularidade de cada um e da possibilidade de lidar com a castração e a falta da melhor maneira possível. Como Freud (1927) argumentou com seu “opositor” (personagem que ele próprio criou) em *O futuro de uma ilusão*, o ser humano é movido por suas paixões, mas não precisa ser sempre assim. Nesse texto, ele enfatiza que o conflito entre as paixões e a razão inevitavelmente levará à prevalência das paixões, mas diz também que, de alguma maneira, podemos avançar para não

³ Essa grande pensadora do feminino sofreu perseguição nazista por ser judia, ficando presa em um campo de concentração nazista no território francês até que conseguisse fugir para os Estados Unidos. Em seu livro *Origens do totalitarismo*, Hannah Arendt se dedica a identificar as origens desse fenômeno contemporâneo e estudar suas causas políticas.

⁴ Feminismo enquanto movimento político, filosófico e social que defende a igualdade de direitos entre mulheres e homens e que tem como principal característica a luta pela igualdade de gêneros (homens e mulheres) e, conseqüentemente, pela participação igualitária da mulher na sociedade.

ser assolados por nossas emoções e para gerir nossa vida emocional buscando ligações menos infantis e com mais coerência entre o sentir, o pensar e o agir.

Os seres humanos são muito pouco acessíveis a justificativas racionais e são inteiramente dominados por seus desejos pulsionais. Por que tirar deles uma satisfação pulsional e querer substituir por justificativas racionais? É claro que os seres humanos são assim, mas o senhor se perguntou se eles têm de ser assim, se a sua mais íntima natureza os obriga a isso? (FREUD, 1927, p. 282-283).

A professora Léa Silveira (2020, *on-line*) defende a ideia de que psicanálise e feminismo se complementam reciprocamente:

A psicanálise interessa à reflexão feminista na medida em que reivindica para si duas tarefas: elaborar teoricamente o fenômeno da sexualidade humana e, em sendo assumida a tese de que existem processos psíquicos inconscientes, diagnosticar o modo pelo qual eles incidem nas dimensões social e política da nossa experiência — ou seja, nesse caso, trata-se de identificar a maneira como a realidade é informada por fantasias que se estruturam à revelia da consciência, indicando a radicalidade da divisão subjetiva. Ela promove, assim, aportes teóricos — senão ao menos problemas — que parecem ser indispensáveis ao feminismo. Por outro lado, existe um amplo e resiliente vínculo da psicanálise com o patriarcado.

É importante ressaltar aqui que a forma fálica é o grande símbolo da sociedade patriarcal, presente, desde sempre, em todas as culturas: independentemente da existência do órgão sexual, ter ou não ter o falo é o grande organizador da sexualidade na infância (FREUD, 1923).

Para ilustrar nosso pensamento, utilizaremos recortes de um crime ocorrido na década de 1990 (adaptado livremente por nós a fim de evitar qualquer possibilidade de identificação), do filme *O segredo dos seus olhos* e do conto de Lygia Fagundes Telles “Venha ver o pôr do sol”. Pretendemos, na parte final deste capítulo, ter mais profundidade para compreender e explicar, com o apoio da teoria, o que pode gerar esse “horror” que impede que o feminino se inscreva na sociedade como um lugar de valor.

2 UM CASO DE FEMINICÍDIO: O HORROR AO FEMININO

Ao ler o depoimento de Alcindo sobre o crime que cometeu contra a esposa muitos anos atrás, no início da década de 1990, encontramos algo relevante para o tema que nos propomos

a estudar neste capítulo.⁵ Alcindo sempre teve fama de ser violento: parentes, amigos e vizinhos, ao darem seus testemunhos à investigação aberta após a morte de Eva, descreveram um homem truculento, desrespeitoso e agressivo. Várias vezes ele teria agredido a esposa, mas, por se tratar de uma época em que esse tipo de violência ainda não era entendido como crime, ninguém nunca interferiu ou buscou ajuda.⁶ Soube-se que em sua família de origem a violência também ocorria naturalmente. Ele relata que sempre teve dificuldade de ver sua mulher nua e que sempre preferiu manter relações sexuais com ela vestida com a calcinha, pois não gostava de enxergar seu órgão genital. Contou também que não gostava de trocar as fraldas das duas filhas que tiveram, exatamente por se deparar com a anatomia feminina, que lhe produzia “nojo e angústia”. O mesmo não acontecia com relação à anatomia do seu filho menino, que o orgulhava com o que “aparecia” a cada troca de fraldas ou ida ao banheiro.

Entendemos que essa dificuldade relacionava-se à evidência de um órgão diferente do seu: ele não queria enxergar algo (dessa diferença) que lhe provocava horror. Relacionamos essa situação com o que Freud (1923, p. 158) disse: para o menino, “é natural presumir que todos os outros seres vivos, humanos ou animais, possuem um órgão genital como o seu próprio”. Ao concluir, dolorosamente, que o pênis que estava lá foi retirado, o menino confirma a existência da castração como único efeito dessa diferença (não imagina nem supõe a existência de um órgão sexual feminino: apenas reconhece a ausência do pênis, não a presença da vagina) e passa a repudiar o feminino por trazer à tona a lembrança da castração. Como escreve Freud (1923, p. 160), “a depreciação das mulheres, o horror a elas e a disposição do homossexualismo derivam da convicção final de que as mulheres não possuem pênis”.

Alcindo contou, na época dos inquéritos policiais, que ao ser “informado” de que sua esposa estaria mantendo relações sexuais com outro homem, sentira-se envergonhado por este enxergar o órgão sexual dela, algo que ele próprio evitava e de que, de certa forma, se envergonhava. Dizia não ter “ciúmes” da esposa, e sim raiva, vergonha e nojo dessa exposição, por isso a matara. O autor do crime nunca demonstrou culpa; ele tinha certeza de ter feito o que era necessário, ou seja, “justiça com as próprias mãos”.

Carla Madeira (2021, p. 173), no seu livro *Tudo é rio*, sabiamente escreve: “Ficamos prisioneiros do que não queremos muito antes da morte”. Tal citação é ilustrada, na profunda

⁵ Tomaremos apenas alguns recortes do fato e, a fim de preservar a identidade e a privacidade dos envolvidos, adaptaremos os acontecimentos, nos valendo da ficção e da livre criação literária para ilustrar o capítulo. Sendo assim, não nos aprofundaremos nos pormenores do caso real nem no seu desfecho.

⁶ Certamente seguimos tendo muitos problemas na nossa cultura atual, que tem referência no narcisismo; mas ao mesmo tempo avançamos, criando leis e espaços de proteção aos menos favorecidos, aos mais enfraquecidos. Por isso achamos importante registrar aqui que o Brasil vem tendo avanços importantes, criando leis como a Maria da Penha e a Lei do Femicídio.

obra dessa escritora mineira, pelas repetições que alguns personagens vivem sem ter muita escolha. E ela segue dizendo:

Algumas vezes a mudança acontece na marra. Uma guilhotina afiada corta as nossas mãos, e todas as rédeas escapam. É o que pensamos ter acontecido, até que a gente se dá conta de que nunca houve rédeas. Ninguém monta na vida. Brincamos de escolher, brincamos de poder conduzir o destino. Precisamos dessa ilusão para viver os dias de antes, dias em que podemos tudo só porque pensamos poder, e então a vontade do que está fora da gente joga sua sombra densa e pegajosa (MADEIRA, 2021, p. 173).

Alcindo, assim como todos esses sujeitos feminicidas, são prisioneiros da violência... falta-lhes símbolo e palavra: tudo vira ato. O “fazer justiça com as próprias mãos” também garante a posição de ser a própria lei, de não delegar ao Estado a representação da lei, de não reconhecer as diferenças e as faltas.

3 NA TELA DA SÉTIMA ARTE: OS SEGREDOS DE CADA OLHAR

Os personagens de *O segredo dos seus olhos*, filme argentino lançado em 2009 e dirigido por Juan José Campanella, trazem inúmeras questões casuísticas que bem poderiam embasar os diferentes funcionamentos dos sujeitos, mas, como em tantas outras situações (como no caso de Alcindo), trata-se apenas de especulações teóricas, já que não temos acesso à história infantil e singular de cada um. Mas, no filme, podemos ouvir o personagem Sandoval desvendando as cartas de Isidoro Gomes para a mãe e descobrindo a paixão do assassino: o futebol. Sandoval é categórico ao dizer que as pessoas podem mudar tudo na vida, mas não podem mudar de paixão. Isidoro estava preso à sua paixão autoerótica, olhava para Liliana como olhava para seu órgão sexual; seu órgão sexual-Liliana era contemplado por ele. Para Isidoro, a quem falta símbolo e palavra, o ato é a saída possível, por isso ele comete um assassinato passional. Comete um feminicídio. Um feminicídio é um crime praticado contra a mulher em decorrência do fato de ela ser mulher; pode ser violência doméstica, misoginia ou menosprezo pela condição feminina. E aqui pensamos no horror ao feminino como o horror ao que o feminino representa, a castração. O feminino sentido e vivido historicamente como demoníaco.

As mulheres do filme podem ser tomadas como representantes da castração. A personagem Irene não apenas provoca Isidoro com a sexualidade, mas o coloca na posição de impotente e castrado, o que ele não suporta. Assim, podemos pensar na forma como cada indivíduo lida com a falta, com a castração. É interessante pontuar que a castração fica

representada, no filme, pelo A que falta. A metáfora da tecla com a letra A faltante na máquina de escrever do personagem representa essa ausência que impede o sujeito de digitar, imprimir, enxergar e utilizar um símbolo que deveria fazer parte do seu teclado e de suas produções. É surpreendente se deparar com algo que parece ser tão óbvio, mas que ao mesmo tempo é tão velado e escondido dos olhos do espectador (cultura): esse A que faltava na máquina de escrever seria exatamente o A do feminino, da falta, da castração com a qual temos que nos haver o tempo todo, mas que, ao mesmo tempo, pode passar tão longe de uma percepção e de um entendimento.

Espósito tenta elaborar, ao escrever a história do crime, a mudança da posição passiva “temo” para a posição ativa “te amo”. Amar teria sido a impossibilidade do personagem num primeiro tempo, mas o amor pode acontecer quando Espósito repensa sua vida (antes, ameaçado inconscientemente pela castração em função de desejos incestuosos, ele não podia assumir seu amor por Irene). Inclusive, o fato de ele perceber sua vida como uma vida vazia poderia decorrer também da ação de um superego rígido, que diz ao Eu que nada está bom e empobrece a sua percepção de si mesmo. Isso contrasta com o que o filme mostra da vida do personagem, já que Espósito, entre outras capacidades de investir, estabelece vínculos significativos, cuida do amigo quando este bebe e protege dois inocentes que um colega perverso quis prender para não ter de realmente solucionar o caso. Porém, pela ação do superego, desvitaliza sua vida, *teme* declarar seu sentimento a Irene. E ela também tem um papel importante, emprestando a máquina de escrever que não digita a letra A. A falta da letra que ficou sintomática para Espósito e que ele resolveu. Depois de 25 anos, ele pode declarar seu amor por ela.

4 O FEMININO QUE IMPLICA CADA UM COM A FALTA

Em meio a tanta falta, surge a literatura: um conto de Lygia Fagundes Telles escrito em 1970 tem uma narrativa que nos oferece a possibilidade de seguir pensando o tema do horror ao feminino e à castração. O conto, que enfoca o feminicídio e questões referentes à dificuldade da mulher de ser vista como sujeito numa sociedade machista, aponta para a tarefa de difundir a importância vital dessas questões, apesar de estarmos em 2022. Quanto mais conjecturamos a respeito da temática, mais compreendemos que nos afastamos da tarefa de concluir algo a respeito de um tema tão vasto e complexo como esse. Qualquer conclusão poderia dar uma ideia de encerramento, e o que mais aprendemos com este estudo e esta escrita foi que a vastidão e a importância do assunto merecem que novos pensamentos circulem e gerem tantos

outros: para que o lugar do feminino seja escrito, inscrito, reescrito e — tomara — possa ser compreendido nessas novas leituras, quiçá tornando-se menos “horroroso” para alguns. Sendo assim, a partir do filme *O segredo dos seus olhos*, do caso escolhido para ilustrar o capítulo e do conto de Lygia — que abordaremos brevemente —, além de lançar um olhar sobre o nosso lugar na sociedade como cidadãs, queremos apenas enlaçar alguns pontos de vista, apesar de estarmos chegando à parte final deste capítulo.

O conto “Venha ver o pôr do sol”,⁷ de Lygia Fagundes Telles, traz nas suas linhas a cultura machista presente nas convenções sociais: a mulher, ao assumir um lugar de escolha e diferenciação anunciada, rompendo com a figura feminina subserviente esperada pela sociedade, é desqualificada e, muitas vezes, morta exatamente por isso. A autora parece ter buscado, com sua exímia narrativa cheia de simbologias, denunciar os crimes diariamente cometidos pelo machismo. A personagem do conto, chamada Raquel, apresenta-se diferente aos olhos de Ricardo: veste-se de forma elegante, fuma cigarros e é ousada, já que se arrisca para encontrá-lo (ele é seu ex-namorado e ela já tem um novo parceiro). Ao dar a impressão de que passa de objeto a sujeito, alterando sua identidade, antes frágil e submissa, ela assume um lugar mais ativo e parece “agredir” Ricardo. Pinçamos um dos inúmeros aspectos e questões relevantes do conto porque nele Lygia consegue ilustrar poeticamente algo muito interessante: alguns homens, horrorizados e feridos em sua masculinidade, indicam que a violência masculina se legitima quando se fere sua sensação de integridade.

Tanto para Isidoro, personagem do filme, quanto para Alcindo, personagem da segunda parte deste capítulo, e para Ricardo, do conto de Lygia, podemos pressupor que a tal letra A corresponderia ao gênero feminino; portanto, a falta dela (da letra A) poderia significar o assassinato do texto, o assassinato do feminino, a impossibilidade de se haver com a castração, culminando nos feminicídios de Liliana, de Eva e também de Raquel.

A origem do termo “feminicídio” é americana. Em 1976, Diana Elizabeth Hamilton Russell (2012, *on-line*, tradução nossa) cunha o termo *femicide*, em inglês, para designar “o assassinato intencional de fêmeas (mulheres e meninas) porque elas são fêmeas”.⁸ Diana defendeu o termo publicamente pela primeira vez no Tribunal de Crimes contra a Mulher, em

⁷ A escolha e a utilização desse conto, que descreve a trajetória penosa da personagem Raquel, objetivam trazer a este capítulo uma literatura que também tem o poder de representar a realidade e a recorrência da violência contra a mulher, mostrando que ela se esconde por detrás de vários cenários. A literatura permite uma identificação entre o leitor e a trajetória tanto do agressor quanto da vítima. Assim, somando-se à temática do livro, apresentamos cenas que podem ser convites para que homens e mulheres repensem e mudem seus comportamentos, aderindo à luta das mulheres por direitos igualitários de liberdade em todos os âmbitos: social, sexual, demográfico, político, expressivo, domiciliar, intelectual, econômico e laboral.

⁸ No original: “the intentional killing of females (women or girls) because they are females”.

Bruxelas, na Bélgica. O conceito foi sendo reformulado e, até 28 de julho de 2020, data da sua morte, a autora utilizou a definição segundo a qual o feminicídio é “o assassinato de uma ou mais fêmeas por um ou mais machos porque elas são fêmeas”⁹ (RUSSEL, 2012, *on-line*, tradução nossa). Ela defendia o uso do termo *female* (fêmea) em vez de *woman* (mulher) por julgar ser importante enfatizar que a definição inclui bebês do sexo feminino e meninas.

Em 2022, a Lei Maria da Penha completa 16 anos de vigência, isto é, 16 anos buscando a proteção do gênero feminino. Atualmente, o feminicídio tem sido mais debatido e, assim, assumido caráter mais amplo, o que possibilita uma mudança no paradigma moral, pois é possível compreender o tema de forma mais complexa, interligada e dinâmica.¹⁰ Mais recentemente, há seis anos, a Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104/2015) prevê circunstância qualificadora do crime de homicídio e inclui o feminicídio no rol de crimes hediondos. Essa lei considera o assassinato que envolve violência doméstica e familiar, menosprezo ou discriminação à condição de mulher (BRASIL, 2015).

Este estudo fez com que identificássemos um uso desordenado na literatura, muitas vezes, dos termos e expressões “feminino”, “sexualidade feminina” e “feminilidade”, seja em Freud, seja depois dele. Regina Neri (2002, p. 29-30) tece uma consideração esclarecedora:

O feminino (*weiblich*) se refere à posição feminina na dialética fálica que instaura a diferença masculino-fálico-atividade/feminino-castrado-passividade, a sexualidade feminina (*weiblich Sexualität*) designa o destino da sexualidade da mulher na lógica fálica e a feminilidade (*weiblichkeit*) indica um erotismo não mais regulado pela lógica fálica, deixando à mostra um eixo de subjetivação, erotização e sublimação que inaugura novas possibilidades de inscrição do sujeito na cultura como singularidade e diferença.

É esse horror ao feminino que não dá espaço e até mata, assassina... Para nós, essa é a grande diferença do entendimento psicanalítico em relação aos dispositivos jurídicos, exatamente porque se entende que os crimes contra a mulher se dão em função do gênero desta (que representa a castração), não devido ao seu papel social. É uma violência direcionada ao feminino, a esse (não) reconhecimento da “letra A”, que vai muito além da diferença anatômica: “Quando falta o limite da castração, o feminino toma a significação de algo mal, é a sede maligna do gozo” (DAFUNCHIO, 2008, p. 86, tradução nossa).¹¹ E como alguns

⁹ No original: “the killing of one or more females by one or more males because they are female”.

¹⁰ Falar sobre o tema permite que a sociedade se questione também sobre os mecanismos de seletividade protetiva da justiça racista e classista. Os números oficiais de feminicídio indicam o aumento das mortes de mulheres negras e a inconsistência de dados sobre mortes de mulheres indígenas.

¹¹ No original: “Cuando falta el límite de la castración lo femenino toma la significación de algo malo, es la sede de lo maligno del goce”.

homens (sociedade) não conseguem reconhecer a diferença (a falta da tecla, na metáfora do filme), eles tendem à violência, à degradação, à humilhação da mulher (e da diferença). A letra “Pedaço de mim”, de Chico Buarque (1978), parece exemplificar, com arte, esse “pedaço” que falta:

Oh, pedaço de mim
Oh, metade amputada de mim
Leva o que há de ti
Que a saudade dói latejada
É assim como uma fisgada
No membro que já perdi (PEDAÇO..., 1978).

As disposições psíquicas são inscritas pela anatomia, mas não são determinantes nem garantem nada. Apesar de possuir o membro fálico, alguns sujeitos parecem ter a ideia ou sensação constante de que podem perder o pênis (e todos os seus representantes, como a potência e o lugar de poder, de autoridade) a qualquer momento, temor que se acentua quando eles se defrontam com a diferença sexual. O horror ao feminino viria do ato de enxergar o feminino e ver nele a possibilidade da própria castração.

Será justamente esse “horror ao A” que levará ao assassinato do feminino e essa “falta do A” que levará ao sintoma, a uma dificuldade com a castração? Há uma espécie de prisão no autoerótico: homens que não podem desviar o olhar deles mesmos para não enxergar o diferente, que só podem olhar (reconhecer) o igual. Isso dificulta que enxerguem também a igual importância dos sujeitos, independentemente do sexo; perceber tal igualdade os tiraria dessa “prisão” em si mesmos, que tem um grande *quantum* de prazer.

Tanto o filme quanto o conto e o caso nos convidam a pensar sobre as diferentes formas de estruturação do aparelho psíquico ao lidar com o pulsional, discriminando os funcionamentos neurótico (recalque) e perverso (desmentida), que usam diferentes mecanismos diante do trauma e da castração. A vivência edípica é uma vivência traumática pela intensidade e por ser vivida por um Eu em desenvolvimento, sem recursos para tanto! O complexo de Édipo, como o *by in Germany* que Freud refere, consiste numa marca por meio da qual tudo se organiza (desejos e castração) e que será reeditada num segundo tempo, na puberdade.

No texto “O tabu da virgindade”, Freud (1917, p. 206) apresenta a ideia de que o homem teme, ao se deparar com a mulher, ser enfraquecido por ela, “contaminado por sua feminilidade”. Nesse caso, o não ter a “letra A” seria decorrência da rejeição do narcisismo das pequenas diferenças, que geraria estranhamento e hostilidade. Ainda nesse texto de 1917, Freud

vai dizer: “A psicanálise acredita que descobriu grande parte do que fundamenta a rejeição narcísica das mulheres pelos homens, a qual está entremeada com o desprezo por elas, ao chamar a atenção para o complexo de castração e sua influência sobre a opinião em que são tidas as mulheres” (FREUD, 1917, p. 207).

Assim como todos os autores, Freud precisa ser compreendido na totalidade de sua obra e, se quisermos nos aprofundar, a compreensão de cada autor também inclui sua vida e sua época cultural. Dessa forma, podemos inferir que todos os autores podem ser mal compreendidos porque lidos parcialmente, sem contextualização, mas também porque a óptica de cada leitor é própria, com conceitos preconcebidos! Sabemos que não há como ser diferente; só pretendemos esclarecer que nossa construção teórica é própria, mas procuramos citar a obra de cada autor com rigor.

A maioria dos conceitos de Freud foi sendo ampliada e complexificada por ele ao longo de sua vida. O complexo edípico foi citado inicialmente por ele numa carta a Fliess datada de 1897, e em 1924 ele seguia fazendo acréscimos à organização genital infantil. Freud (1933 [1932], p. 146) afirma, na Conferência sobre Feminilidade, que com o ingresso na fase fálica “as diferenças entre os sexos são completamente eclipsadas pelas suas semelhanças. Nisto somos obrigados a reconhecer que a menininha é um homenzinho”. Não tomamos essa afirmação como literal, e sim como uma forma explícita de defender sua teoria falocêntrica, isto é, a noção de que existe uma fase na infância (entre os três e os sete ou oito anos) em que a preocupação das crianças é com os genitais. Tanto meninos quanto meninas, quando começam de fato a perceber as diferenças e a não negá-las, retomam teorias anteriores e passam a se sentir angustiados com o fato de não ter o pênis (os meninos com o temor de perder uma parte importante do corpo e as meninas tendo de se haver com a falta e descobrindo o próprio corpo).

Lembramos que, antes da fase fálica, as crianças supõem que tudo tem pênis, inclusive objetos inanimados (na fase animatista); depois, elas passam a observar as diferenças e as percebem, mas as negam ao mesmo tempo, até o momento da ameaça de perda por fantasias incestuosas. Apesar de longos, optamos por transcrever na íntegra os trechos em que Freud narra suas descobertas, a fim de valorizar cada palavra desta descrição detalhada e rica — como ele descreve, essa espécie de “alfabetização” infantil. A criança não concluiria de imediato nem rapidamente que as mulheres não têm pênis, porque tenderia a pensar a castração como um castigo por ter tido desejos inadmissíveis. Para Freud, mesmo com toda essa complexidade,

[...] os órgãos genitais femininos jamais parecem ser descobertos [...]. No estágio da organização pré-genital sádico-anal não existe ainda questão de masculino e feminino; a antítese entre ativo e passivo é a dominante. No estágio seguinte da organização genital infantil, sobre o qual agora temos conhecimento, existe masculinidade, mas não feminilidade. A antítese aqui é entre possuir um órgão genital masculino e ser castrado. Somente após o desenvolvimento haver atingido seu completamento, na puberdade, é que a polaridade sexual coincide com masculino e feminino. A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis, a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero (FREUD, 1923, p. 183-184).

A ideia de Freud de que os órgãos genitais femininos não são descobertos foi questionada por muitos analistas (principalmente mulheres) e pensadores de outras áreas. Nós também a questionamos, já que ouvindo meninas pequenas podemos supor que elas sabem algo a respeito da anatomia e das sensações no seu órgão genital feminino. Por exemplo, uma menininha de três anos vê o órgão masculino do irmão e pergunta se a bunda dele caiu; ela conhece apenas o seu próprio corpo dotado de sensações prazerosas, excitatórias. Da mesma forma, uma menina de quatro anos desenha toda a sua família, incluindo o pai, a mãe, ela própria e um irmão, com “perereca”, porque esse é o órgão genital conhecido por ela. Poderíamos pensar que essas meninas evidenciam o conhecimento do que é próprio e que a teoria falocêntrica concentra a ideia de falo (e não de pênis). Isto é, inicialmente, antes da ameaça de castração, meninos e meninas pensam e sentem ser o falo, como também pensam que todas as coisas têm um falo. Vale questionar se o valor do pênis como falo está tão impregnado na cultura a ponto de termos dificuldade em pensar que há, sim, um reconhecimento dos órgãos genitais femininos.

A forma machista de pensar (de homens e mulheres) reforçaria a ideia de que falo é igual a pênis, embora não o seja. Nessa lógica, não ter pênis poderá ser significado de diferentes maneiras, dependendo do valor que a família e a cultura incutem nessas meninas que se tornarão mulheres. Se o valor seguir no que se vê (o pênis), a menina provavelmente seguirá os destinos que Freud preconizou (uma inibição da feminilidade, uma identificação com o masculino ou, o que seria esperado, uma identificação com o feminino no desejo de tornar-se mãe). A possibilidade de mudar essa lógica social e cultural valorizando os genitais femininos como fálicos e atribuindo ao feminino o valor de falo até que a ameaça de castração se faça (meninos e meninas ver-se-iam completos e, diante da ameaça de castração, precisariam reconhecer que não têm o falo e, mais tarde, que ninguém o tem, nem mesmo seus pais) pode alterar algo na representação da feminilidade?

As questões referentes ao lugar do feminino na nossa cultura nascem no seio desse infantil, de vivências primárias tão intensas que, se não ressignificadas, se tornam preconceitos. Esses pré-conceitos que levam em seu cerne a dificuldade e até a incapacidade de lidar com a castração e com as diferenças foram criando, ao longo do tempo, lugares fixos para os diferentes gêneros. Aos homens foi dado e fixado o lugar de força, autoridade e poder, e às mulheres, o lugar da loucura, da fraqueza e da submissão. Esses lugares vêm sendo contestados mais recentemente em diferentes áreas do conhecimento, criando conflitos com o preestabelecido para a reordenação do circuito de afetos sociais, como aponta Vladimir Safatle (2016).

Compreendemos que o tema proposto pelo CEPdePA oportuniza um diálogo profundo entre o psíquico e o social, além de indicar a riqueza e a necessidade de instalarmos um debate (cada vez mais amplo e profundo) entrelaçando os temas propostos pelo título do livro à psicanálise. Assinalamos ainda a importância de que se invista cada vez mais numa contemporaneidade que leve em conta o sujeito, sua divisão, suas singularidades, suas pluralidades e seu lugar na cultura. A psicanálise contempla a presença da vida pulsional em todas as experiências vividas e, com isso, facilita que identifiquemos elementos centrais das fantasias que a cultura patriarcal (a qual ainda, de certa forma, vigora) construiu em torno das mulheres.

Assim como Jorge Forbes (2017), que insiste que abandonemos a ideia de um sofrimento *prêt-à-porter*, enfatizamos a necessidade de incluir a letra A no “temo”, para que as possibilidades de ligação (que o amor representa) se tornem cada vez mais possíveis e criativas.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BRASIL. **Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015**. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm. Acesso em: 17 jul. 2022.

DAFUNCHIO, N. S. **Confines de las psicosis**. Buenos Aires: Del Bucle, 2008.

FORBES, J. **Você sofre para não sofrer?** Desautorizando o sofrimento *prêt-à-porter*. São Paulo: Manole, 2017.

FREUD, S. (1923). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. *In: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 325-342. (Edição standard brasileira).

FREUD, S. (1933 [1932]). Feminilidade. Conferência XXXIII. *In: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 139-165. (Edição standard brasileira).

FREUD, S. (1927). O futuro de uma ilusão. *In: FREUD, S. O mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 233-298. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

FREUD, S. (1917). O tabu da virgindade. *In: FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 179-196. (Edição standard brasileira).

MADEIRA, C. **Tudo é rio**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.

NERI, R. O encontro entre a psicanálise e o feminino: singularidade/diferença. *In: BIRMAN, J. (org.). Feminilidades*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002. p. 13-34. (Coleção Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos).

PEDAÇO de mim. Intérprete e compositor: Chico Buarque. *In: CHICO Buarque. Intérprete: Chico Buarque*. Rio de Janeiro: Philips, 1978. 1 disco, faixa 7.

RUSSELL, D. E. H. **Defining femicide**: introductory speech presented to the United Nations Symposium on Femicide. 2012. Disponível em: http://www.dianarussell.com/f/Defining_Femicide_-_United_Nations_Speech_by_Diana_E._H._Russell_Ph.D.pdf. Acesso em: 5 jul. 2022.

SAFATLE, V. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, o desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SILVEIRA, L. Feminismo e psicanálise. **Blog Mulheres na Filosofia**, 2020. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/feminismo-e-psicanalise/>. Acesso em: 5 jul. 2022.